

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 16 DE OUTUBRO DE 2000

Senhor Ministro Paulo Renato; Doutor Rui Altenfelder; Senhora Altenfelder; Ruth; Iara; sobretudo Professores e Professoras que aqui estão; Senhoras representantes de organizações de Professores,

O Ministro Paulo Renato explicou detalhadamente o que aconteceu nesses últimos tempos, em função de algumas das medidas que o Governo tomou. Ele está mencionando especificamente o fundo que redistribuiu recursos da União e dos estados em benefício dos municípios à condição de que eles abram mais vagas nas escolas e para que melhorem os salários dos professores e ofereçam melhores condições de ensino.

Ele acaba de se referir ao fato de que temos apenas dois anos de funcionamento desses mecanismos e já vemos efeitos substanciais de transformação do sistema educacional brasileiro.

Não preciso mais uma vez gabar o que o Ministro Paulo Renato fez, eu gabei sempre, mas é um pouco como um Prêmio Moinho Santista. É o quinto ano desse Prêmio. Isso é que é importante. É preciso que haja uma continuidade. Ninguém muda um país com passe de mágica. Isso é demagogia, é retórica. É fácil mudar o País

em discurso de palanque. Em campanha eleitoral, então, mudam assim, toda hora. Mas nunca mudaram. Nós estamos mudando, persistindo. Às vezes, talvez, fazendo menos barulho que o necessário para mostrar o quanto as mudanças ocorreram. É o caso da educação.

Hoje, o Ministro Paulo Renato falou tantos números, que eu que sou bom de números me perdi, tantas eram as modificações ocorridas. Mas isso significa que, com o tempo, vai havendo um acúmulo de transformações. Da mesma maneira, esse prêmio. A cada ano, um conjunto de professores recebe – é apenas simbólico – uma menção de que fizeram um bom trabalho. Isso estimula, e é preciso que haja continuidade nesse estímulo, e que o Brasil entenda isso.

O Doutor Rui Altenfelder, conversando comigo há pouco, dizia: “Pois é, quando dão o Prêmio Nobel a gente de que nós nunca ouvimos falar, em países longínquos, sai na primeira página nos jornais. Agora, aqui há professores do Brasil todo, que estão sendo premiados pelo esforço e dedicação, amor que têm pelos seus alunos. Será que sai uma notinha? Será que no pé de uma página alguém vai dizer que um de vocês ou todos vocês contribuem para que o Brasil melhore?” Quem sabe? Tomara. Depende um pouco dos editores, não é dos repórteres que estão aqui, não. Depende de os editores entenderem o que é o Brasil, entender que é preciso que haja continuidade nesta matéria de transformação educacional no nosso país, que é o fundamental para o Brasil ser, realmente, uma sociedade democrática e para que ele possa alcançar aquilo que todos nós queremos, que é uma sociedade com melhor distribuição de renda. Isso não se faz por decreto presidencial. Se fizesse, eu já teria feito há muito tempo. Eu, não, todos os meus antecessores já teriam feito. Não é assim, é com a continuidade.

Os dados que o Ministro Paulo Renato apresentou aqui mostram que, pouco a pouco, as coisas estão melhorando. Falta muito, mas estão melhorando. Esse é o sentido da comemoração, da celebração do Dia do Professor. Tive muita alegria, também, por estar aqui o Deputado Nelson Marchezan, porque ele foi o relator, no Congresso, de uma lei muito importante.

Todo mundo fala de bolsa-escola, que é dar uma bolsa para a família, uma renda mínima para que a criança possa estar na escola e a família ter essa renda. Sabe quantas o Ministério da Educação está dando? Alguém tem idéia? São dois milhões de bolsas-escola – dois milhões. Isso começou em Campinas. Começou com o Prefeito de Campinas, cujo apelido era “Gramá”, que lançou um projeto de bolsa-escola. Não sei quantas ele terá distribuído em Campinas, cinco mil, dez mil. Depois aqui em Brasília. Quantas foram? Quinze mil, vinte mil. O Governo Federal fez dois milhões de bolsas-escola. E vai aumentar.

Nós não estamos dizendo isso, simplesmente, para dizer: fizemos. Não, é o Brasil que está fazendo. Não sou eu, não é o Ministro, não é o Deputado Marchezan, mas abriu os caminhos. Aliás, outros também já tinham aberto. Mencionei alguns dos que abriram caminhos. Mas tem que haver continuidade nesse esforço e tem que haver o sentido de serviço. Estamos fazendo porque é preciso fazer. Não estamos fazendo porque queremos ter, nós próprios, medalhas. Vocês é que têm que ter as medalhas.

Esse é o sentido desta celebração aqui. Acreditamos na educação, e se houve uma área em que o Brasil mudou, nesses últimos anos, foi na área da educação, inclusive na área da bolsa-escola, da distribuição, melhoria de renda – pequenininha, mas está avançando – e também a qualificação do professor. Hoje, não há melhor maneira de significar o que para nós, dirigentes do Brasil, vemos como importante para o professor do que foi a parte final do discurso do Ministro Paulo Renato: plano de carreira. Esta é uma aspiração antiga do professorado brasileiro.

O Ministro já explicou que não cabe ao Governo Federal fazer a carreira, porque vocês são funcionários municipais ou estaduais. Nós apenas podemos dar as regras, o incentivo, algum recurso, como através do Fundef. Mas fizemos também um esforço de mostrar como é que é possível estabelecer um plano de carreira, para que aconteça aquilo que se conversou, também hoje, quando estávamos tomando o café da manhã. Tive o gosto de tomar café com os que foram premiados. Alguns diziam: “meu Deus, no passado o

professor...” Eu não sei se era tanto assim, mas, o que sei é que no futuro precisa ser valorizado, e o plano de carreira é um modo de valorizar este professor.

Quero terminar dizendo que, das conversas que tivemos, algumas me deixaram bastante sensibilizado. Fui professor a vida toda também, minha família é de professores, a Ruth e minha filha são professoras.

Muito bem. Sempre achei e disse no decorrer de toda minha vida que, por melhores que sejam as condições materiais, os recursos, o salário, o que seja, nada substitui a relação entre o aluno e o professor. Nada. Quer dizer, é o ato de criatividade, que se dá na relação pessoal, é o professor, a professora e o aluno. Se essa relação não for boa, não tem método que salve. Não adianta tecnologia mais avançada para poder resolver, tem que haver aí um momento de chispa, um momento de eletricidade no ar.

E uma professora dizia hoje de manhã – mais de uma até – que o que ela gosta mesmo é que ela é amada pelos alunos. Foi a expressão que usou, amada pelos alunos. É isso. A retribuição que o professor sente é de ser, não é nem respeitado, que é uma coisa diferente, é de ser querido, ou querida pelo aluno. Isso é que permite, realmente, essa coisa extraordinária que é a criação de conhecimento, é fazer com que o outro, também, seja capaz de pensar, é vencer junto, é convencer, é criar aquele momento de intimidade que dá a relação entre o aluno e o professor.

É o esforço que nós estamos fazendo. Mas o esforço mesmo quem fazem são os que estão dando aula, são os que estão ali na prática nessa relação amorosa e de transmissão de conhecimento, e de criação de um conhecimento novo.

Eu quero simplesmente expressar, como Presidente da República, o meu muito obrigado aos milhões de professores e professoras deste Brasil afora que têm amor pelos seus estudantes.

Muito obrigado.